

SOBRE A INCOATIVIDADE DOS VERBOS TERMINADOS EM *-ECER* EM PORTUGUÊS¹

SOBRE LA INCOATIVIDAD DE LOS VERBOS TERMINADOS EN *-ECER* EN PORTUGUÉS

ON THE INCHOATIVITY OF THE PORTUGUESE VERBS ENDING IN *-ECER*

Rui Pereira*

Universidade de Coimbra

RESUMO: A tradição gramatical portuguesa assume geralmente que *-ecer* é um constituinte sufixal característico de verbos incoativos, ou seja, verbos que exprimem o início de um estado ou processo. Neste artigo, procuraremos averiguar em que medida este proclamado valor aspetual dos verbos terminados em *-ecer* se encontra atestado no português contemporâneo ou em alguma(s) das fases pretéritas da nossa língua. Para esse efeito, analisa-se o significado de cinco verbos terminados em *-ecer* (*adormecer*, *amanhecer*, *amarelecer*, *apodrecer*, *endurecer*) ao longo do seu percurso diacrónico, com base nas atestações encontradas no CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval e em obras lexicográficas editadas a partir do século XVI. Os dados permitem concluir que, desde o português antigo, os verbos em *-ecer*, mais do que expressar um evento no seu início, denotam eventos que focalizam o estado final da mudança sofrida por uma entidade.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia. Derivação. Sufixo. Incoativo.

RESUMEN: La tradición gramatical portuguesa generalmente asume que *-ecer* es un constituyente sufijal característico de los verbos incoativos, es decir, verbos que expresan el comienzo de un estado o proceso. En este ensayo trataremos de averiguar hasta qué punto este valor aspectual proclamado de los verbos terminados en *-ecer* se puede comprobar en el portugués contemporáneo o en alguna/s de las etapas pasadas de nuestra lengua. Para ello, se analiza el significado de cinco verbos terminados en *-ecer* (*adormecer* ‘dejar-se dormir, dormir a alguien’, *amanhecer* ‘amanecer’, *amarelecer* ‘amarillear’, *apodrecer* ‘pudrir’, *endurecer* ‘endurecer’) a lo largo de su trayectoria diacrónica, partiendo de los ejemplos recogidos en el CIPM - Corpus Informatizado do

¹ Nota do Editor: mantivemos o texto em PE.

* Professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro integrado do CELGA-ILTEC, unidade de I&D, fazendo parte da equipa de investigação que se debruça sobre morfologia e semântica da formação de palavras do português. E-mail: rui.pereira@uc.pt.

Português Medieval, y en obras lexicográficas editadas desde el siglo XVI. Los datos permiten concluir que, desde el portugués antiguo, los verbos en *-ecer*, más que expresar un evento en su inicio, manifiestan eventos que se enfocan en el estado final del cambio sufrido por un ente.

PALABRAS CLAVE: Morfología. Derivación. Sufijo. Aspecto. Incoativo.

ABSTRACT: The Portuguese grammatical tradition generally assumes that *-ecer* is a suffix component characteristic of inchoative verbs, in other words, verbs that express the beginning of a state or process. In this article, we will seek to determine the extent to which this aspectual value of the verbs ending in *-ecer* is attested in both contemporary Portuguese and earlier stages of the language. For that purpose, we will analyse the meaning of five verbs ending in *-ecer* (*adormecer* ‘to fall asleep’, *amanhecer* ‘to dawn’, *amarelecer* ‘to yellow’, *apodrecer* ‘to rot’, *endurecer* ‘to harden’) along their diachronic path based on instances found in the CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval and lexicographic corpora published from the 16th century onwards. The available data allow us to conclude that as early as Ancient Portuguese, verbs ending in *-ecer* denote events that focus on the final stage of the change suffered by an entity, rather than expressing an event in its beginning.

KEYWORDS: Morphology. Derivation. Suffix. Aspect. Inchoative.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO E OBJETIVOS

A tradição gramatical e lexicográfica têm salientado o valor ‘incoativo’ dos verbos que integram o constituinte sufixal *-ecer*², designando com esse termo o significado aspetual de “acção incipiente” (PIEL, 1976, p. xxvi), “[...] começo de um estado ou processo [...]” (CÂMARA JR., 1979, p. 227; CUNHA; CINTRA, 1994, p. 102), ou “[...] início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade [...]” (BECHARA, 1999, p. 364) Neste sentido, ‘incoativo’ opõe-se a ‘permansivo’ e ‘conclusivo’, que designam, respetivamente, os valores aspetuais de desenvolvimento e fim de um evento (CUNHA; CINTRA, 1994, p. 380-381).

Todavía, nos estudos de semântica e de sintaxe que marcaram o final do século XX e o início deste século, o termo é usado num outro sentido. Na descrição das estruturas léxico-conceptuais dos verbos, nomeadamente dos verbos denominais e deadjetivais, o termo incoativo é utilizado por oposição a causativo (ver, entre outros, HASPELMATH, 1993; LABELLE, 1992; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1994, 1996, 1998; LIEBER, 1997, 2004; PIÑON, 2001; RAPPAPORT; LEVIN; LAUGHREN, 1988; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998). Nestas abordagens, assume-se que verbos como *amolecer*, *entristecer*, *esclarecer* ou *escurecer* denotam eventos complexos compostos por dois subeventos: um evento AGIR que funciona como causa de um evento INCOATIVO, que designa a mudança de estado sofrida por uma entidade. Por exemplo, Levin e Rappaport Hovav (1998, p. 251) decompõem o significado do verbo causativo de mudança de estado *to dry* (‘secar’) como (1); nesta representação, *x* e *y* são variáveis que representam os argumentos do verbo, sendo *dry* (‘seco’) uma constante que representa o estado associado ao verbo *to dry*.

(1) *dry*: [[*x* ACT] CAUSE [*y* BECOME DRY]]

Na mesma linha, em Pereira (2007, p. 21) representa-se a estrutura léxico-conceptual (ELC) e a estrutura argumental (EArg) do verbo *endurecer*, presente numa frase como *O Governo endureceu as medidas de combate à covid-19*, do seguinte modo:

(2) *endurecer*: V

ELC: [[*x* AGIR] CAUSAR [*y* IR PARA DURO]]

EArg: \underline{x} , *y*

Ao nível semântico, o verbo *endurecer* expressa um evento no qual o argumento *x* produz ou causa uma mudança de estado – de um estado não especificado para [+duro] – no argumento *y*. Ao nível argumental, especifica-se que as variáveis \underline{x} e *y* correspondem,

² Por questões de simplicidade de descrição, usaremos a configuração de infinitivo (*-ecer*) para nos referirmos ao elemento sufixal em análise, embora se reconheça que esta terminação compreende três constituintes morfológicos distintos: -EC Sufixo derivacional + E Vogal Temática + T Sufixo de Infinitivo.

respetivamente, aos argumentos externo (*O Governo*) e interno (*as medidas de combate à covid-19*) do verbo derivado. Ao invés, a constante DURO não tem projeção argumental uma vez que é incorporada no radical do verbo derivado.

Noutros enunciados, porém, o verbo *endurecer* é usado em construções correlatas não causativas, designadas incoativas, como se atesta em (3b). Este fenómeno é conhecido como “alternância causativa” (cf. ALEXIADOU, 2015; BORER, 1991; FONSECA, 1998-1999; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 2012; SCHÄFER, 2009).

- (3) a. O Governo *endureceu* as medidas de combate à covid-19. (construção causativa)
 b. As medidas de restrição *endureceram*. (construção incoativa)

A diferença entre causativo e incoativo³ expressa-se (i) pela diferença no número de argumentos participantes, relacionada com a expressão ou omissão do argumento externo que designa a entidade causadora, e (ii) a distinta disposição sintática do argumento interno, uma vez que a expressão linguística que designa a entidade afetada ocorre como objeto direto na estrutura transitiva causativa (cf. 3a), mas figura como sujeito nas estruturas intransitivas incoativas (cf. 3b). Na representação lexical do verbo *endurecer* (cf. 2), a opcionalidade da expressão da entidade causadora é representada através dos parênteses e do negrito na ELC e pelo sublinhado do argumento externo *x* na EArg.

Neste artigo, iremos analisar o significado dos verbos em *-ecer* ao longo da história do português. Pretende-se, em particular, averiguar em que medida se pode afirmar (ou não) que a incoatividade é uma propriedade específica dos verbos em *-ecer*. A questão que pretendemos ver respondida é a seguinte: os verbos em *-ecer* possuem ou possuíram em algum estágio da língua portuguesa um valor aspetual ‘incoativo’, exprimindo eventos na sua fase inicial. Para dar resposta a esta questão, na secção 1, iremos analisar a expressão da incoatividade em latim, observando a evolução do significado dos verbos em *-escere* naquela língua; de seguida, analisa-se o modo como o português dá (ou não) continuidade ao sistema latino, avaliando o valor semântico-aspetual dos verbos em *-ecer* ao longo do seu percurso diacrónico.

2 VERBOS LATINOS TERMINADOS EM *-ESCERE*

Os verbos terminados em *-ecer* aparecem frequentemente, seja em gramáticas seja em dicionários do português, associados à noção de ‘incoatividade’, assumindo-se que se trata de um esquema construcional importado da língua latina (cf. 1 e 2).

- (4) “*-ecer* [Do lat. ...*escere*.] *suf.* Suf. verb., de origem latina, característico dos verbos incoativos, ou seja, que exprimem o início de um estado e, por vezes, o seu desenvolvimento: *alvorecer*, *embranquecer*, *escurecer*.” (FIGUEIREDO, 1996, p. 904).

- (5) “*-ecer term.* de v. latinos em *-escere* (ver *-ESCERE*); a sua fecundidade como incoativo cedo se manifestou em port. nos v. da 2.^a conj., fecundidade que perdurou na língua por largo lapso de tempo, originando grande número de tais v. com radicais vulg. e vern. [...]” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2003, p. 1420).

Embora existam em latim muitos verbos terminados em *-escere* que expressam eventos incoativos, não é uniforme o valor semântico dos verbos com esta terminação naquela língua, nem é essa a função original do afixo *-sc-*. Em estádios antigos do latim, do grego e de outras línguas indo-europeias, servia o constituinte afixal *-sc-* (ou *-sk-*) para formar o tema do presente. Por exemplo, em latim, a forma de perfeito de *crescere* é *crevi* e a de *inveterasco* é *inveteravi*, tornando-se evidente que *-sc-* ocorre no presente, mas não no perfeito (ALLEN, 1995, p. 3; ILIESCU, 1990, p. 161).

³ Alguns autores preferem as designações *decausativo* ou *anticausativo* (cf. ALEXIADOU, 2010, 2015; FONSECA, 1998-1999; HÄRTL, 2003; KOONTZ-GARBODEN, 2009; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1998; PIÑON, 2001; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 2012; RAPPAPORT HOVAV, 2020).

Do contexto flexional, o sufixo transita para o contexto derivacional, passando a construir verbos com significado incoativo⁴ a partir de verbos deadjetivais da segunda conjugação. Consequentemente, o latim passa a exibir séries derivacionais do seguinte tipo: um adjetivo (*senex* ‘velho’), um verbo estativo da segunda conjugação (*senere* ‘ser velho’) e um verbo incoativo (*senescere* ‘ficar velho/começar a ser velho’). Dado que o sufixo latino *-sc-* tomou uma função gramatical diferente do seu papel inicial, pode-se dizer que sofreu um processo de regramaticalização, definida por Greenberg (1991, p. 301) como uma “reinterpretation in a new function”, resultante da extensão a novos ambientes semânticos. Posteriormente, o sufixo espalha-se a verbos que indicam estádios/fases da vida dos seres humanos (*iuvenis* > *iuvenesce*), plantas (*flos* > *floresce*), doenças (*tabes* > *tabesce*) e percepções sensoriais ou intelectuais (*calere* > *calesce*; *scire* > *sciscere*) (ALLEN, 1995, p. 3).

No latim clássico, alguns verbos incoativos tornam-se transitivo-causativos (BLAYLOCK, 1975, p. 437; ZAMBONI, 1982-83, p. 92). Por exemplo, o *Oxford Latin Dictionary* (GLARE, 1983) apresenta como verbos transitivos *expallescere* ‘tornar pálido’ e *horrescere* ‘causar medo’. Segundo Zamboni (1982-83, p. 92), este desenvolvimento semântico terá sido motivado pelo facto de a classe de verbos em *-i-* (4.ª conjugação) conter um grande número de verbos deadjetivais com função causativa como *mollire*, *lenire*, donde a extensão deste traço às formas incoativas, que se tornaram assim causativas.

Iliescu (1990) constata que o valor causativo do sufixo *-sc-* resulta de um processo de neutralização que começa a verificar-se no século I a.C. Segundo esta autora, no latim clássico, os verbos incoativos (“deventivos” na sua terminologia) com o sufixo *-sc-* têm como correspondente um verbo causativo, que pertence na maioria dos casos à 1.ª conjugação.

	Verbos causativos	Verbos incoativos
<i>dis</i> ‘rico’	<i>dito</i> ‘tornar rico’	<i>ditesco</i> ‘ficar rico’
<i>lassus</i> ‘cansado’	<i>lasso</i> ‘cansar’	<i>lassesco</i> ‘ficar cansado’
<i>mitis</i> ‘doce’	<i>mitio</i> ‘tornar doce’	<i>mitesco</i> ‘ficar doce’
<i>spissus</i> ‘denso’	<i>spisso</i> ‘tornar denso’	<i>spissesco</i> ‘ficar denso’
<i>crassus</i> ‘grosso’	<i>crasso</i> ‘tornar grosso’	<i>crassesco</i> ‘ficar grosso’

Quadro 1: Verbos causativos e incoativos derivados em latim

Fonte: Iliescu (1990, p. 164)

No entanto, muitos destes verbos causativos expressavam também um sentido incoativo quando o verbo era usado intransitivamente, contribuindo assim para a perda gradual da oposição entre causativo e incoativo (*duro*: ‘tornar duro’, ‘ficar duro’). Se a esta situação acrescentarmos a tendência geral do latim tardio de substituir as formas mais curtas pelas mais longas, compreende-se por que motivo os verbos terminados em *-escere* passaram a acumular os dois valores semânticos.

A substituição das formas simples pelas formas com sufixo (acompanhado ou não de um prefixo) teve como consequência que um só verbo podia exprimir o que se exprimia em latim clássico por um par, seja estativo vs. incoativo, seja causativo vs. incoativo. O resultado foi a sinonímia entre verbos com e sem afixo(s), fenómeno que não estava apenas limitado aos verbos em *-escere*, e a neutralização e simplificação do sistema derivacional. Iliescu (1990, p. 165) representa esquematicamente a evolução dos sentidos dos verbos com o sufixo *-sc-* da seguinte forma:

⁴ Segundo Allen (1995, p. 2), *-sk-* desenvolveu noutras línguas indo-europeias significados diferentes do sentido incoativo. O hitita, por exemplo, tem verbos com *-sk-* iterativos e no dialeto jónico do grego homérico encontram-se imperfeitos iterativos; nos poemas homéricos, estão atestados ainda aoristos iterativos em *-sk-*.

**Quadro 2:** Neutralização da oposição causativo/incoativo em latim

Fonte: Iliescu (1990, p. 165)

Uma explicação semelhante é fornecida por Pena (1993). Segundo este autor, em latim, a partir de verbos de tema em *-ē-* (simples ou derivados), que denotavam um estado ou situação, formaram-se com grande regularidade verbos em *-escere* de aspeto incoativo, i.e., verbos que expressam a entrada nesse estado ou situação. Paralelamente, também com bastante regularidade, sobre o adjetivo em *-id-* e o substantivo em *-or* correspondentes ao verbo de tema em *-ē-*, formavam-se verbos de tema em *-ā-* para indicar a causalidade de tal estado ou situação (cf. Quadro 3).

Verbos estativos	Verbos incoativos	Verbos causativos
carēre	carēscere	
dolēre	dolēscere	
timēre	timēscere	
calēre	calēscere	calidāre
frigēre	frigēscere	frigorāre, frigidāre
dulcēre	dulcēscere	dulcāre, dulcificāre, (e)dulcorāre
dūrēre	dūrēscere	dūrāre
nigrēre	nigrēscere	nigrāre, nigrificāre
	amārēscere	amārāre, amāricāre, amārificāre
	sānēscere	sānāre

Quadro 3: Verbos estativos, incoativos e causativos derivados em latim

Fonte: Pena (1993, p. 264)

Em latim, existiam, portanto, séries ternárias de verbos aspetualmente diferenciados: estativos (*calēre* 'estar quente'), incoativos (*calēscere* 'entrar no estado de quente') e causativos (*calidāre* 'fazer com que fique quente'). Todavia, com o passar do tempo, esta situação deixa de se manter com a regularidade anterior: não só *-sc-* se expande para fora do âmbito dos verbos de tema em *-ē-*, passando a acoplar-se também a bases nominais e adjetivais, como passa a expressar as noções contíguas, especialmente a causalidade.

3 SIGNIFICADO DOS VERBOS EM *-ECER* EM FASES PRETÉRITAS DO PORTUGUÊS

Como vimos, não é uniforme o significado dos verbos latinos terminados em *-escere* que transitam para as línguas romance, tendo o português incorporado verbos que evidenciam diferentes estádios evolutivos deste sufixo. No *DVPM* (*Dicionário de Verbos do*

Português Medieval) estão registrados cerca de 66 verbos terminados em *-ecer*, a que acrescem 3 verbos em *-scer* (*crescer, nascer, reenascer*), mas o número será menor se agruparmos os casos de variação formal (e.g. *acaecer/aquecer, amanhecer/hamanhecer*). Em termos morfológicos, podemos encontrar (i) verbos não analisáveis em português (e.g. *crescer, parecer, aborrecer*), (ii) verbos deverbais (e.g. *acrecer, adormecer, desaparecer, desconhecer, desobedecer, desperecer, reenascer*), e (iii) verbos denominais e deadjetivais (e.g. *alvorecer, blandecer, amarelecer, avilecer, emvelhecer, endurecer, esclarecer*). Existem ainda vários casos em que a forma circunfixada coexiste com a forma sem constituinte prefixal (e.g. *aluzecer/luzecer, amadurecer/madurecer, amanhecer/manhecer, apodrecer/podrecer*).

Tendo em vista a análise do valor semântico dos verbos em *-ecer*, levamos a cabo um estudo que pretendia responder às seguintes questões: o que caracteriza este tipo de verbos em português do ponto de vista semântico? As propriedades semânticas destes verbos variam ao longo da diacronia do português? Para realizar esta análise, selecionamos um conjunto de 5 verbos (*adormecer, amanhecer, amarelecer, apodrecer, endurecer*), que cobrem várias estruturas morfolexicais: verbos sufixados e circunfixados; verbos deverbais, denominais e deadjetivais. A nossa análise incidiu sobre as descrições que destes verbos são feitas em obras lexicográficas de diversas épocas. Uma vez que o primeiro dicionário referente ao português data do século XVI, para a descrição dos verbos no português antigo, recorremos ao *CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval*.

Apresentam-se, de seguida, os dados apurados relativamente ao(s) significado(s) dos verbos em *-ecer* selecionados em diferentes estádios da língua portuguesa.

3.1 CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL (CIPM)

ADORMECER

A maioria das ocorrências deste verbo deverbal encontradas no CIPM é marcada pela ideia de incoatividade, expressando o significado de ‘começar a dormir’. Vejamos alguns exemplos:

- (6) “[...] mandei-lhi fazer / mui boa cama, e adormeceu” (*Cantiga de Escárnio e Maldizer de Fernão Garcia Esgaravunha*).
- (7) “pôs cabo de si e adormeceu” (*Cantiga de Escárnio e Maldizer de João Garcia de Guilhade*).
- (8) “E ella, faze~do sua oraçom deuotamente aa be~e~ta Uirgem, adormec[e]o.” (*Orto do Esposo*)
- (9) “[...] eu estando em esto, adormeci [...]” (*Crónica Geral de Espanha*)
- (10) “– Galaaz, eu bem sei o que tu pensavas quando adormeceste.” (*Demanda do Santo Graal*)
- (11) “[...] assi se a senhora ou s(e)n(h)or do castello adormecem” (*Castelo Perigoso*)
- (12) “E quamdo o dia foy allto a atallaya que tinha~ sobre as aldeas domde ho gaado avia de sahyr adormeço” (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*)

É especialmente elucidativa a distinção que é estabelecida em (13) entre *adormecer*, o verbo incoativo, e *dormir*, o verbo que lhe serve de base. Como o exemplo (13) evidencia, ao evento designado por *adormecer* sucede naturalmente o processo *dormir*.

- (13) “[...] e conte~plando todo aquelle dia / e noite em aquellas cousas, que auia visto adormeço, e dormio em pax.” (*Crónica D. João I*)

O sentido causativo é conseguido, nesta época, através do recurso ao sufixo *-entar*⁵ ou então, de forma sintática, pelo uso do verbo auxiliar *fazer* (itálico nosso).

(14) “E canta~ muy doceme~te, e~ tal guisa que co~ a dulçura do seu cantar *faze~ adormecer* os mareantes. [...] *faze~*-nos periguar e~no mar depois que som *adorme~tados*. E pore~ Vlixes de Troya [...] *fez* muy bem tapar as orelhas a todos os seus mareantes por no~ ouuire~ os cantos dellas, por tal que no~ adormecessem ne~ periguassem enno mar [...]” (*Orto do Esposo*)

AMANHECER

O verbo *amanhecer* é usado com o sentido de processo que culmina num estado, ‘ser manhã’.

(15) “[...] e corre o campo nelle a hu~a parte e a outra atee que amanhece, por que tudo ysto faz ante manhaa.” (*Crónica dos Reis de Bisnaga*)

(16) “- Sen(h)or, chegou ally o allmocade~, & parece-me que diz q(ue) lhe he neçessario de vos fallar llogo amte que amanheça.” (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*)

(17) “E dize~ alguu~s que qual quer que âte que hamanheça / diz a myssa, peca mortalmente” (*Sacramental*)

Na expressão deste sentido, o verbo *amanhecer* é, por vezes, substituído pelos verbos denominais *aluzecer* (cf. 18) e *alvorecer* (cf. 19).

(18) “[...] e andarom assi ataa que aluzeceu.” (*Demanda do Santo Graal*)

(19) “[...] e na alva da manhã tamto que alvoreço, os Gallegos estavom ja todos prestes [...]” (*Crónica de D. João I*)

Quando se pretende focalizar o ponto inicial do processo, recorre-se ao verbo auxiliar aspetual *começar* (*de*).

(20) “[...] e suas ge~tes forom logo juntas com eu, e armados todos e prestes, começando ja damanhecer.” (*Crónica de D. João I*)

(21) “[...] e quando sse levantaram e começou de amanheecer [...]” (*Crónica de D. João I*)

(22) “[...] desde pãesçe alguma cousa de luz e / começa amanhecer [...]” (*Sacramental*)

AMARELECER

Na única atestação encontrada no CIPM, o verbo deadjetival *amarelecer* (‘ficar amarelo’, ‘passar a ser amarelo’) é precedido do verbo auxiliar aspetual *começar de*, focalizando-se assim o ponto inicial do processo de mudança de estado designado pelo verbo *amarelecer*.

(23) “E, quando veo a hora da morte, vio os diaboos estar prestes pera o leuar ao jnferno e começou de amarelecer e suar e braadar altas uozes, pidindo espaço.” (*Orto do Esposo*).

⁵ Sobre o valor semântico dos verbos terminados em *-entar* e a sua relação com os verbos em *-ecer*, veja-se Pereira (2020).

APODRECER

Na maioria dos casos, o verbo *apodrecer* ocorre em estruturas inacusativas, designando um processo de transformação natural ou internamente causado que culmina na obtenção do estado ‘podre’.

(24) “Conta hu~u~ sabedor, que ha nome Plinio, que ha hu~a aruore en Terra de Jndia, que nu~ca apodrece a madeyra della ne~ a pode queymar o fogo.” (*Orto do Esposo*)

(25) “E a sua augua he muy conffortativa e esta sempre na humydade natural e as arvores aadur apodrece~ hy e as hervas nu~ca se secam tanto que falleça pasto.” (*Crónica Geral de Espanha*)

(26) “E assi [o corpo] apodreçera sob a terra [...]” (*Livro das Tres Vertudes*)

(27) “Ca toda carne~ co~ue~ que apodreça [...]” (*Orto do Esposo*)

(28) “E este corpo deste gigante jouue emterrado per a~nos que no~ apodreceo [...]” (*Orto do Esposo*)

(29) “[...] os dentes apodrece~ [...]” (*Orto do Esposo*)

(30) “[...] asi como o ssal temporal conserua e guarda as viandas de apodreçere~ [...]” (*Sacramental*)

(31) “E esta hostia ou hostias que asi gardar, nom as deuteer mais de oyto dias e cada ssomana as deue rrenouar por amor que nõ apodreçam.” (*Sacramental*)

No entanto, o verbo *apodrecer* também é usado com valor causativo. No *Sacramental*, incunábulo de finais do século XV, há uma ocorrência de *apodrecer* numa estrutura transitiva (cf. 32), com o objeto afetado (“os outros” [dentes]) a ocupar a posição de complemento direto.

(32) “[...] assy como faz o que tem huu~ dente apodreçido que ha door que o tira por que nom apodreça os outros e sse tira a door.” (*Sacramental*)

No mesmo documento, existe ainda uma ocorrência em que o verbo *apodrecer* é seguido do clítico *sse* e onde a causa do processo de transformação surge como um modificador preposicional (“en pecados”).

(33) “[...] asy este sal que he spiritual guarda a alma de apodreçersse en pecados e lhe da sabedoria por que sse guarde de pecar.” (*Sacramental*).

ENDURECER

O verbo *endurecer* designa um processo que culmina na obtenção do estado ‘duro’. Em resultado do processo designado por este verbo, algo ou alguém fica “emduriçido” ou “e~dureçida” (*Sacramental*, 1488).

Este verbo está atestado quer em construções incoativas, designando uma mudança de estado sofrida por uma entidade (aumento do seu grau de dureza), quer em construções causativas. No uso incoativo, comporta-se como um verbo inacusativo, podendo ser acompanhado do clítico *sse*.

(34) “[...] out(ro)ssy o pecado q(ue) he peq(ue)no, q(ua)ndo sse endureçe q(ue) [he] e~peçador no~ sse ma~efesta del [...]” (*Primeyra Partida*, de Afonso X)

No uso causativo, é o verbo de uma estrutura transitiva (cf. 35), cujo argumento externo expressa a causa (“o ssol”) e o argumento interno, o objeto afetado (“o llodo”).

(35) “De^s i, o ssoll faz derreter os enguent(os) aroma ‘tic(os) e seca e endurece o llodo.” (*Castelo Perigoso*)

Refira-se ainda que, nesta fase da língua portuguesa, a par do verbo *endurecer*, existe o verbo *endurentar*, formado sobre a mesma base adjetival (*duro*).

(36) “Ca as rriquezas som esterco emgrossados e e~durentados [...]” (*Orto do Esposo*)

Em resumo, no português antigo, os verbos em *-ecer* expressam valores semânticos diversos. O verbo *adormecer*, verbo deverbal construído a partir de *dormir*, foca a fase inicial de um processo (‘começar a dormir’), podendo por isso ser classificado como um verbo incoativo, no sentido aspetual (‘incentivo’) que é atribuído a este termo. Os restantes verbos, denominais (*amanhecer*) ou deadjetivais (*amarelecer*, *apodrecer*, *endurecer*), designam processos que culminam na obtenção de um estado. Ao contrário de *amanhecer*, para o qual apenas está atestado o uso incoativo, os verbos deadjetivais podem ocorrer em construções causativas ou incoativas, no sentido semântico-argumental deste termo. Na expressão do aspeto ‘incentivo’, estes verbos são precedidos pelo verbo auxiliar *começar* (*de*).

3.2 DICIONÁRIO DE JERÓNIMO CARDOSO (SÉC. XVI)

O dicionário de Jerónimo Cardoso (1562-1563) atesta uma situação semelhante à encontrada no português antigo. Este dicionário dá conta da possibilidade de os verbos em *-ecer* poderem expressar eventos causativos (*adormecer a outrem*, *apodrecer a outrem*, *endurecer a outrem*) a par de eventos incoativos (*adormecerse*, *apodrecerse*, *endurecerse*), isto é, eventos que designam uma mudança de estado não causada ou naturalmente causada. Excetuam-se *amanhecer* (apenas descrito como *v.*) e *amarelecer*, para o qual está referenciado apenas o uso incoativo (*amarelecerse*, *amarelo fazerse*). Com a exceção de *amanhecer*, quase todos os verbos admitem o uso do clítico *se* na expressão da incoatividade.

3.3 “VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO” DE BLUTEAU (SÉC. XVIII)

A alternância causativo/incoativo está também documentada no *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau, para os verbos *adormecer*, *apodrecer* e *endurecer*⁶, mantendo-se nestes verbos a associação do clítico *se* ao sentido incoativo dos verbos em causa.

(37) “ADORMECER, ou adormecerse. Começar a dormir. / Adormecer a outrem.”

(38) “APODRECER. Alterar pouco a pouco, corromper, dissolver o mixto, segregando as partes / APODRECERSE.”

(39) “ENDURECER alguma cousa, fazella dura. / ENDURECERSE. Fazerse duro.”

O verbo *amarelecer* deixa de ter entrada nesta base de dados lexical, sendo substituído na expressão de «Fazerse amarello» pelo verbo *amarellejar*.

⁶ Esta dupla possibilidade de atualização no discurso é comum a muitos outros verbos deadjetivais referenciados neste dicionário: “ESCURECER. Suspender a acção da luz; escurecer-se”; “ENRIQUECER. Fazer rico; Dar riquezas; Fazerse rico”; “EMPOBRECER. Ficar pobre; Empobrecer a outrem”; “EMMAGRECER. Fazer a alguém magro; Fazerse magro”

O verbo *amanhecer* apenas está atestado com valor não causativo (“Alvorar a manhã”). Bluteau apresenta, no entanto, a possibilidade de o verbo ter usos pessoais: “Amanhecer, também se diz de huma pessoa, que faz alguma cousa muito pella manhã. Amanheci hoje na feira.”

O aspeto inctivo (‘início de ação’) apenas é referido explicitamente em relação ao verbo deverbal *adormecer*. Nos outros casos, principalmente nos verbos deadjetivais, começa a ser anotado o aspeto durativo e gradual da mudança de estado designada pelos verbos (e.g. “APODRECER. Alterar pouco a pouco [...]”).⁷

3.4 DICIONÁRIO DE MORAES SILVA (SÉC. XVIII)

Elaborado em 1789 a partir do *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau, este dicionário não apresenta em relação aos verbos sob escopo grandes alterações. Excetua-se a inclusão novamente do verbo *amarellecer*.

Para os verbos *adormecer*, *amarellecer* e *apodrecer* apresentam-se dois usos, como verbos ativos (*v. at.*) e verbos neutros (*v. n.*), que correspondem aos usos causativo e incoativo, respetivamente.

(40) “ADORMECER, *v. at.* Causar sono, fazer dormir. *Neutro.* Ficar preso no sono.”

(41) “AMARELLECER, *v. at.* Fazer amarello. *v. n.* fazer-se amarello.”

(42) “APODRECER, *v. at.* Causar podridão, ou fazer que alguma coisa se faça podre. *v. n.* fazer-se podre. Danar-se, corromper-se, passar á fermentação podre.”

3.5 DICIONÁRIO DE DOMINGOS VIEIRA (SÉC. XIX)

Este dicionário, publicado entre 1871 e 1874, fornece muito mais informação que os anteriores, quer em termos de etimologia, quer em termos semânticos, com descrições mais detalhadas, acompanhadas de atestações para os diferentes sentidos e usos.

Domingos Vieira refere-se explicitamente ao valor aspetual incoativo (ou inctivo) da terminação *-ecer* na entrada do verbo *adormecer*.⁸

(43) “ADORMECER, *v. a.* (Do latim *dormire*, com a forma inchoativa ou inceptiva *escere*, que denota acção no seu principio.) Cair pouco a pouco em somno; toscanejar; causar somno, adormentar, narcotisar os sentidos [...]. *Adormecer*, *v. n.* Começar a dormir, cair com somno, cabecear, dormitar, perder o movimento, cair em lethargia; figuradamente, descuidar-se.”

Embora se refira que a terminação latina *-escere*, que está na origem deste verbo, transmite um valor incoativo, começa por classificar este verbo como um verbo ativo (*v. a.*); aliás, a causatividade é expressa claramente no sentido “causar somno”. O carácter inctivo do sufixo, de “acção no seu principio”, aparece referido claramente a propósito do uso de *adormecer* como verbo neutro (cf. “*Adormecer*, *v. n.* Começar a dormir”), mas não nos outros verbos em análise.

⁷ Este valor semântico-aspetual está também patente, por exemplo, na entrada do verbo *enfraquecer*, especialmente nas atestações que são apresentadas. Porque designa uma mudança de estado gradual, é possível focalizar o processo de *enfraquecer* no seu início (“Já começo a enfraquecer.”) ou no seu progresso (“Todos os dias voy enfraquecendo.”).

⁸ Uma referência semelhante é feita a propósito do verbo *anoitecer*: “ANOITECER, *v. n.* (De *noite*, com o prefixo da índole da língua, e a terminação verbal inchoativa.)” (VIEIRA, 1871, p. 436).

Em termos semântico-argumentais, apenas *amanhecer* tem um uso exclusivamente incoativo. Os restantes verbos sob escopo aliam o uso incoativo de “verbo neutro” a usos causativos de “verbo activo” (cf. *adormecer*, *amarellecer*, *apodrecer*, *endurecer*) e a usos de “verbo reflexo” (cf. *amanhecer-se*, *apodrecer-se*, *endurecer-se*).

4 SEMANTISMO DOS VERBOS EM *-ECER* NO PORTUGUÊS ATUAL

O constituinte sufixal *-ecer* está presente no português contemporâneo em mais de duas centenas de verbos, umas vezes atuando como único operador afixal (e.g. *escurecer*, *humedecer*, *robustecer*), outras vezes (a maioria) acompanhado de um constituinte prefixal, geralmente *a-*, *en-* ou *es-* (e.g. *adormecer*, *endurecer*, *esclarecer*), apresentando-se, em alguns casos, sob a forma *-escer*, mais próxima da matriz latina (e.g. *florescer*, *enrubescer*). Este sufixo tem a particularidade de ser o único que é usado atualmente na construção de verbos da 2.^a conjugação, selecionando a VT *-e-*.

O(s) significado(s) dos verbos derivados com *-ecer* são descritos nos dicionários através de paráfrases muito diversas, como ‘tornar / ficar Xb’ (*escurecer*, *endoidecer*), ‘começar a ser Xb’ (*amanhecer*, *anoitecer*), ‘criar/ganhar Xb’ (*ervecer*, *florescer*), causar/sentir Xb’ (*enraivecer*, *enfurecer*), designando Xb a base lexical. Em Pereira (2007, 2016), estes verbos são repartidos por duas classes semânticas: (i) a maioria faz parte da classe de “verbos resultativos”, entendidos como verbos que denotam uma mudança ou alteração nas propriedades de uma entidade (e.g. *escurecer*, *fortalecer*, *robustecer*, *amadurecer*, *amolecer*, *emagrecer*, *enraivecer*, *esclarecer*); (ii) atestam-se ainda alguns “verbos performativos”, que denotam um evento no qual o sujeito faz ou cria um objeto (objeto efetuado) designado pela base derivacional (e.g. *ervecer*, *embolorecer*, *emplumescer*, *encanecer*, *favorecer*).

Estes verbos são geralmente interpretáveis como transições⁹ (simples ou graduais), ou seja, eventos que denotam a mudança que sofre uma entidade desde a não posse à posse de uma determinada propriedade ou estado (PUSTEJOVSKY, 1991). Assim, por exemplo, o verbo *emudecer* requer um participante que passe de um estado (‘não estar mudo’) para outro diferente (‘estar mudo’), especificado pela base lexical *mudo*.

A designação *transição* aplica-se quer às mudanças de estado-de-coisas com uma estrutura temporal simples, i.e., que ocorrem num determinado ponto temporal, quer às mudanças graduais que culminam na obtenção de um determinado estado¹⁰. Por exemplo, *emagrecer* é um evento de mudança de estado que demora logicamente algum tempo a ocorrer; em contraste, *emudecer* é um evento pontual ou escassamente durativo. Em (44) e (45), representa-se esquematicamente a estrutura temporo-aspectual destes dois tipos de eventos.

- (44) *Transições simples*
- | | | |
|-------|-------|--|
| t_i | t_f | ‘linha temporal’ |
| • | • | |
| E_i | E_f | ‘trajeto da propriedade duma entidade’ |
- (45) *Transições graduais*
- | | | | | | |
|-------|-------|-------|-----|-------|--|
| t_i | t_j | t_k | ... | t_f | ‘linha temporal’ |
| • | • | • | ... | • | |
| E_i | E_j | E_k | ... | E_f | ‘trajeto gradual da propriedade duma entidade’ |

Enquanto a linha temporal das transições simples é composta por apenas dois momentos conceptuais, o momento inicial (t_i) e o momento final (t_f), as transições graduais possuem uma estrutura temporal mais complexa, escalar, que integra, para além dos momentos inicial e final, n pontos temporais intermédios ($t_j, t_k \dots$).

⁹ Sobre a estrutura eventiva destes verbos, vejam-se, entre outros, Pustejovsky (1991), Grimshaw (1990), Lieber (2004), Fernández Lagunilla e Miguel (1999) e Miguel e Fernández Lagunilla (2000).

¹⁰ A estas duas classes de eventos télicos, Oliveira (2003, p. 134) dá o nome de culminações e de processos culminados, respetivamente.

As transições simples são eventos pontuais delimitados que denotam uma mudança não gradual. Esta classe de predicados denota um evento que culmina num ponto e que implica uma fase posterior a esse ponto, um estado resultante, que é determinado pela base lexical. Uma prova de que este tipo de transições denota eventos que pressupõem duas fases reside no facto de admitirem ser modificados tanto por adverbiais pontuais (cf. 46a), como por adverbiais durativos (cf. 46b), dependendo da fase modificada em cada caso.

- (46) a. Ele emudeceu *imediatamente*.
b. Ele emudeceu *durante dois minutos*.

Em (46a), o modificador adverbial *imediatamente* revela a natureza pontual da estrutura temporal do evento denotado por *emudecer*. Já o modificador adverbial durativo presente em (46b) não especifica o intervalo de tempo que caracteriza a realização do evento denotado pelo verbo *emudecer*, mas a duração do estado resultante desse evento. Não é o evento *emudecer* que dura dois minutos a acontecer, mas o correspondente estado resultante ‘estar mudo’.

Comportam-se como transições simples os verbos construídos sobre adjetivos não graduáveis (*emudecer*) e os verbos denominais que significam ‘causar N’, em que a base nominal designa um ‘sentimento’ ou ‘estado de espírito’ (e.g. *enfurecer*, *enraivecer*, *envaidecer*, *espavorecer*). Estes verbos designam a transição de um estado de ‘não ter/sentir N’ para o estado de ‘ter/sentir N’, denotando eventos tólicos pontuais ou de duração escassa.

- (47) a. Ele envaideceu-se *naquele instante* com as suas conquistas.
b. Aquela palavra enfureceu-o *imediatamente*.

As transições graduais, por sua vez, têm uma certa duração conceptual e alguma graduabilidade na sua interpretação (RAMCHAND, 1997; LIEBER, 2004). Distinguem-se das transições simples, entre outros aspetos, pelo seu comportamento em relação à perífrase de gerúndio (cf. 48) e ao operador aspetual *ainda* (cf. 49).

- (48) a. *Ele vai emudecendo lentamente.
b. A Maria vai emagrecendo lentamente.

- (49) a. *Ele *ainda* está a emudecer.
b. A Maria *ainda* está a emagrecer.

Verbos como *amadurecer*, *amolecer*, *emagrecer*, *endurecer*, *envelhecer*, *escurecer* implicam uma mudança de estado paulatina, ao longo de uma escala de valores, e um limite final, comportando-se como eventos durativos delimitados. Por isso, admitem ser interpretados como ‘progressivos’ e como ‘conclusivos’ ou ‘terminativos’. Por exemplo, os eventos desta classe podem ser contemplados no seu desenvolvimento intermédio, em progresso, daí a sua compatibilidade com construções progressivas.

- (50) a. A manteiga amoleceu *pouco a pouco*.
b. Esta blusa está a amarelecer *cada vez mais*.
c. O João está a envelhecer *de dia para dia*.

Estes verbos também admitem que se focalize a fase final do evento, em que a mudança ocorreu e o evento acabou.

- (51) a. A manteiga amoleceu *completamente*.
b. Esta blusa amareleceu *por completo*.
c. O João envelheceu.

Os verbos que denotam transições graduais são compatíveis quer com adverbiais pontuais, quer com adverbiais durativos.

- (52) a. A Terra escureceu *às dez horas/ durante dois minutos*.
b. A Ana humedeceu o bolo *às dez horas/ durante dois minutos*.

O modificador adverbial *às x horas* focaliza o momento em que o limite final da transição denotada pelos verbos *escurecer* e *humedecer* é atingido. Por sua vez, o adverbial temporal *durante x tempo* permite focalizar a fase que antecede a culminação dos eventos, pondo em evidência que se trata de eventos durativos, em que a cada novo ponto temporal se pode dizer que ‘está mais escuro/húmido do que estava antes’.

Existe um pequeno grupo de verbos denominais que apresenta um comportamento similar. Referimo-nos aos verbos *amanhecer*, *entardecer* e *anoitecer*.

- (53) a. Amanheceu *às seis* e anoitecerá *às vinte horas*.
b. Já amanheceu/anoiteceu.
c. Vai amanhecendo/anoitecendo *pouco a pouco*.
d. Entardecia.

Tal como os verbos anteriores, estes verbos denotam transições graduais, i.e., processos durativos que culminam num ponto em que se atinge um determinado estado. As frases (53c) e (53d) focalizam a mudança gradual, enquanto (53a) e (53b) focalizam o momento em que se dá a entrada num novo estado (*às seis horas é manhã, às vinte horas é noite*) ou em que a transição é dada como terminada (neste momento já é manhã/noite).

Quando denotam eventos durativos delimitados, os verbos em *-ecer* são compatíveis com as perífrases aspetuais *começar a* e *deixar de*, que focalizam, respetivamente, o início e a cessação do evento.

- (54) a. A Ana *começou a/deixou de* humedecer o bolo.
b. O trigo *começou a* loureecer/*deixou de* loureecer.
c. O dia *começou a* escurecer/*deixou de* escurecer.

A compatibilidade com verbos auxiliares de aspeto incoativo (*começar a...*) e cessativo (*deixar de...*) enfraquece a tese segundo a qual os verbos em *-ecer* designam o ‘início de um estado ou processo’ e daí a classificação de ‘incoativo’, no sentido em que este termo é tomado em várias gramáticas e dicionários.

Tratando-se de eventos que culminam num ponto, os verbos derivados com *-ecer* são verbos télicos, como se comprova pela compatibilidade com o adverbial de realização *em x tempo*.

- (55) a. Estas bananas apodrecem *em dois dias*.
b. O tomate vai amadurecer *em dois dias*.

As transições graduais são, portanto, eventos com uma estrutura temporal complexa que culminam num ponto. Por esse motivo, admitem construções em que se focaliza ora o estado resultante, ora o processo que conduz à obtenção desse estado. A base lexical destes verbos derivados especifica o polo final de uma escala de valores cujo percurso é denotado pela transição. Por exemplo, a consequência de *emagrecer* não é necessariamente ‘estar magro’, mas ‘estar mais magro’. Daí que estes verbos sejam frequentemente denominados “verbos incrementativos”, “verbos de acabamento gradual” ou “realizações graduais” (BERTINETTO; SQUARTINI, 1995; FÁBREGAS, 2002; FERNÁNDEZ LAGUNILLA; MIGUEL, 1999).

Em termos semântico-argumentais, os verbos derivados com o operador sufixal *-ecer* tanto podem ocorrer em construções causativas como em construções incoativas. Vejamos o caso do verbo *escurecer*:

- (56) a. O fumo escureceu a parede da cozinha. (causativa)
 b. A parede da cozinha escureceu. (incoativa)

Enquanto em (56b) se focaliza a aquisição de um estado pela entidade afetada do evento (perspetivação incoativa), em (56a) focaliza-se a causa que motiva esse evento, a qual ocupa a posição mais proeminente (sujeito) na estrutura sintática (perspetivação causativa). O estado a que chega a entidade afetada pode ser considerado um estado co-natural ao objeto, uma espécie de resultado da evolução natural (cf. 56b), ou então um estado produzível por influência de uma causa externa (cf. 56a), no sentido de que não se verificaria, pelo menos de forma tão intensa e evidente, sem essa influência.

Tal como *escurecer*, muitos verbos derivados em *-ecer* admitem participar em alternâncias de tipo causativo/incoativo, como se ilustra nos exemplos seguintes:

- (57) a. O calor endureceu o pão. (causativo)
 b. O pão endureceu. (incoativo)
- (58) a. A morte do pai envelheceu-o. (causativo)
 b. Ele envelheceu muito. (incoativo)

Podemos, pois, encontrar estes verbos em duas construções distintas: uma é uma construção transitiva e semanticamente causativa; a outra é uma construção intransitiva (inacusativa) de leitura incoativa. Na construção causativa, intervêm dois argumentos: uma entidade causadora, que ocupa a posição de sujeito, e uma entidade afetada, com a função de objeto direto. No uso não causativo, o verbo constrói-se com um só argumento, a entidade afetada, que nesta construção passa a ocupar a posição de sujeito sintático.

Não obstante ocorrerem preferentemente em construções incoativas, os verbos em *-ecer* não possuem, na sincronia atual, um valor semântico-aspetual específico que os oponha aos demais verbos deadjetivais e denominais.¹¹ De facto, outros padrões derivacionais, afixais e não afixais, competem com ele na expressão da incoatividade e da causatividade. O valor aspetual incoativo que tradicionalmente é atribuído aos verbos terminados em *-ecer*, ou seja, de ‘início de um estado ou processo’, apenas se manteve no verbo deverbal *adormecer*, sendo por isso residual na língua portuguesa. Talvez seja por isso que o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), editado pela Academia das Ciências de Lisboa, não faça qualquer referência ao valor incoativo na entrada que dedica ao sufixo *-ecer*.

- (59) “*-ecer elem. de form.* (Do lat. *-escēre*). Exprime a noção de *processo, acção*. *Enfraquecer, enlouquecer, enriquecer, anoitecer.*”

Note-se ainda que, como já foi referido em estudos anteriores (PEREIRA, 2007, 2009, 2016), as propriedades aspetuais que habitualmente são atribuídas aos afixos não determinam por si só, e de modo absoluto, a estrutura aspetual dos verbos derivados em que ocorrem. De facto, a variação apresentada pelos verbos derivados em termos semântico-aspetuais é, em grande parte, motivada pela natureza semântica das bases lexicais selecionadas. Para além disso, a informação codificada ao nível lexical pode ser alterada em função do tempo verbal, das características dos argumentos ativados pelo verbo e por modificadores aspetuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo mostramos que os verbos em *-ecer* não expressam necessariamente o início de um estado ou processo, como algumas gramáticas referem. Tal acontece no verbo deverbal *adormecer* (‘começar a dormir’), instanciação de um esquema formativo atualmente não produtivo na língua portuguesa. A compatibilidade com verbos auxiliares aspetuais como *começar a*, *estar a*,

¹¹ Pena (1993, p. 264) refere que os verbos sufixados com *-ecer* em espanhol carecem de um significado uniforme, ao contrário dos congéneres verbos latinos. Haouet (2000, p. 248-249), por sua vez, assinala que *-ecer* é um «marcador incoativo débil», pois não permite derivar verbos com um traço aspetual determinado.

continuar a, deixar de, acabar de enfraquece essa tese e revela que estes verbos podem expressar eventos tanto incetivos, como permansivos, cessativos ou conclusivos. Mais do que a fase inicial do evento, os verbos em *-ecer* designam eventos delimitados que focalizam o estado final da mudança sofrida por uma entidade. Expressam geralmente uma mudança em direção ao estado designado pela base derivacional (e.g. *amanhecer, amarelecer, apodrecer, endurecer*). De acordo com a sua estrutura [-] ou [+] durativa, subdividem-se em transições simples (e.g. *emudecer, enraivecer*) e transições graduais (e.g. *amadurecer, amanhecer, endurecer, escurecer*).

Como podemos constatar, este estado de coisas caracteriza os verbos em *-ecer* ao longo da sua diacronia, encontrando-se já atestado português antigo. Já nos textos escritos na fase inicial do português, os verbos em *-ecer* denotam geralmente eventos durativos que culminam num ponto em que se atinge um novo estado. Em termos semântico-argumentais, verifica-se que a maior parte dos verbos em *-ecer* apresenta um uso incoativo, denotando a mudança sofrida pelo objeto sem qualquer referência explícita à causa de tal mudança. Em alguns enunciados, porém, estes verbos designam eventos causativos, em que um sujeito age de tal modo que provoca ou causa uma alteração do estado ou das propriedades de uma entidade.

A afirmação de que os verbos em *-ecer* são incoativos deve, portanto, ser mitigada e questionada, tanto no sentido aspetual de ‘começo ou início de um estado ou processo’, como no sentido semântico-argumental, na designação de eventos não causados ou internamente causados. Por um lado, a compatibilidade com os verbos auxiliares aspetuais demonstra que a maioria dos verbos com o constituinte sufixal *-ecer* denota eventos durativos que podem assumir tanto um aspeto incetivo, como o aspeto permansivo ou conclusivo. Por outro, se é verdade que estes verbos são preferencialmente usados em construções incoativas, muitos participam também na expressão de eventos causativos.

Continuamos, por isso, a considerar que os verbos em *-ecer* não possuem, na sincronia atual, um valor semântico-aspetual que os oponha de forma clara aos restantes verbos denominais e deadjetivais construídos em português. De facto, verbos que manifestam outros esquemas de construção (e.g. *azedar, alargar, encurtar, esfriar, amenizar, intensificar*) competem com eles na expressão da incoatividade e da causatividade.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001.

ALEXIADOU, A. On the morpho-syntax of (anti-)causative verbs. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. (ed.). *Syntax, lexical semantics and event structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 177-203.

ALEXIADOU, A. The causative alternation revisited: constraints and variation. *English Linguistics*, v. 32, n. 1, p. 1-21, 2015.

ALLEN, A. S. Reagrammaticalization and degrammaticalization of the inchoative suffix. In: ANDERSEN, H. (ed.). *Historical linguistics 1993*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 1-8.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BERTINETTO, P. M.; SQUARTINI, M. An attempt at defining the class of ‘gradual completion verbs’. In: BERTINETTO, P. M. et al. (ed.). *Temporal reference, aspect and actionality*. Turin: Rosenberg & Sellier, v. 1, 1995. p. 11-26.

BLAYLOCK, C. The Romance development of the Latin verbal augment *-sk-*. *Romance Philology*, v. 28, p. 434-444, 1975.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

- BORER, H. The causative-inchoative alternation: a case study in parallel morphology. *The Linguistic Review*, v. 8, p. 119-158, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1979.
- CARDOSO, J. *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Coimbra: João Álvares, 1562-1563.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *CIPM - Corpus informatizado do português medieval*. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=4>. Acesso em: 27 dez. 2020.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *DVPM - Dicionário de verbos do português medieval*. Disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/recursos-em-linha/dicionario-de-verbos-portugues-medieval-dvpm/>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 10.ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1994.
- FÁBREGAS, A. Los verbos de realización gradual: estructura léxica. *Revista Española de Lingüística*, v.32, n.2, p. 475-506, 2002.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, M.; MIGUEL, E. Relaciones entre el léxico y la sintaxis: adverbios de foco y delimitadores aspectuales. *Verba*, v. 26, p. 97-198, 1999.
- FIGUEIREDO, C. *Grande dicionário da língua portuguesa*, v. 1. 25.ed. Venda Nova: Bertrand, 1996.
- FONSECA, J. Aspectos centrais da semântica-sintaxe e pragmática dos predicados de sentimento. *Diacrítica*, n 13-14, p. 237-278, 1998-1999.
- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- GREENBERG, J. H. The last stages of grammatical elements: contractive and expansive desemanticization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1991, v. I, p. 301-314.
- GRIMSHAW, J. *Argument structure*. Cambridge/MA: The MIT Press, 1990.
- HAOUE, L. En torno a la relación entre morfología y sintaxis: la formación de los parasintéticos en español. Tesis (Doctoral) - Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2000.
- HÄRTL, H. Conceptual and grammatical characteristics of argument alternations: the case of decausative verbs. *Linguistics*, v. 41, p. 883-916, 2003.
- HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. (ed.). *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 87-120.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (dir.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, v. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.
- ILIESCU, M. Les suffixes d'élargissement verbaux. (Etat de la question. Evolution sémantique de -ESC / -ISC.). In: CALBOLI, G. (ed.). *Latin vulgaire – Latin tardif II* (=Actes du IIème Colloque International sur le latin vulgaire et tardif, Bologne, 1988). Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1990. p. 159-169.
- KOONTZ-GARBODEN, A. Anticausativization. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 27, p. 77-138, 2009.

- LABELLE, M. La structure argumentale des verbes locatifs a base nominale. *Linguisticae Investigationes*, v. XVI, n. 2, p. 267-315, 1992.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A preliminary analysis of causative verbs in English. *Lingua*, v. 92, p. 35-77, 1994.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical semantics and syntactic structure. In: LAPPIN, S. (ed.). *The handbook of contemporary semantic theory*. Oxford, Cambridge/MA: Blackwell Publishers, 1996. p. 487-507.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Morphology and lexical semantics. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (ed.). *The handbook of morphology*. Oxford, Malden: Blackwell Publishers, 1998. p. 248-271.
- LIEBER, R. Lexical semantics, mapping in and from the lexicon, and the internal structure of words. In: MATOS, G. et al. (ed.). *Interfaces in linguistic theory*. Lisboa: APL / Edições Colibri, 1997, p. 221-240.
- LIEBER, R. *Morphology and lexical semantics*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 2004.
- MIGUEL, E.; FERNÁNDEZ LAGUNILLA, M. El operador aspectual *se*. *Revista Española de Lingüística*, v. 30, n. 1, p. 13-43, 2000.
- OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M. H. M. et al.. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003. p. 127-178.
- PENA, J. La formación de verbos en español: la sufijación verbal. In: VARELA, S. (ed.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Ediciones, 1993, p. 217-281.
- PEREIRA, R. *Formação de verbos em português: afixação heterocategorial*. Muenchen: Lincom Europa, 2007.
- PEREIRA, R. Formação de verbos. In: RIO-TORTO, G. et al.. *Gramática derivacional do português*. 2.ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. p. 297-355.
- PEREIRA, R. “Não me aqueça, nem me arrefenta”. Considerações a propósito da origem e evolução dos verbos terminados em *-entar* em português. *Labor Histórico*, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2020.
- PEREIRA, R. Unidade e diversidade semântica dos verbos derivados em português. *Verba*, v. 36, p. 15-46, 2009.
- PIEL, J. M. Formação de palavras. In: ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da língua portuguesa*. v. I. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1976. p. xxii-xxviii.
- PIÑON, CH. Modelling the causative-inchoative alternation. *Linguistische Arbeitsberichte*, v. 76, p. 273-93, 2001.
- PUSTEJOVSKY, J. The syntax of event structure. *Cognition*, v. 41, p. 47-81, 1991.
- RAMCHAND, G. C. *Aspect and predication*. The semantics of argument structure. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- RAPPAPORT HOVAV, M. Deconstructing internal causation. In: BAR-ASHER SIEGAL, E.; BONEH, N. (ed.). *Perspectives on causation*. Jerusalem studies in philosophy and history of science. Cham: Springer, 2020, p. 219-255.
- RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, E. W. (ed.). *The projection of arguments: lexical and compositional factors*. Stanford, CA: CSLI Publications, 1998. p. 97-134.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Lexicon uniformity and the causative alternation. *In*: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. (ed.). *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 150-176.

RAPPAPORT, M.; LEVIN, B.; LAUGHREN, M. Niveaux de représentation lexicale. *Lexique*, v. 7, p. 13-32, 1988.

SCHÄFER, F. The causative alternation. *Language and Linguistic Compass*, v. 3, p. 641-681, 2009.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza* [...]. Lisboa: Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

VIEIRA, D. *Grande dictionario portuguez / Thesouro da lingua portugueza*. Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

ZAMBONI, A. La morfologia verbale latina in -sc- e la sua evoluzione romanza, appunti per una nuova via esplicativa. *Quaderni patavini di linguística*, v. 3, p. 87-138, 1982-1983.



Recebido em 14/01/2021. Aceito em 22/02/2021.